

O menino com a xícara

Contada por Gurumayi Chidvilasananda

Certa manhã, séculos atrás, o homem que viria a ser conhecido como Santo Agostinho estava perambulando pela praia. Ele tinha ficado acordado noite após noite em busca da Verdade suprema — pensando, estudando, raciocinando, rezando. E aonde isso o havia levado? O que ele havia alcançado? Suas pálpebras estavam pesadas. Todas as articulações do seu corpo doíam. Se ele pudesse simplesmente descansar...

Agostinho havia perdido toda sua paz de espírito em busca da Verdade. Ele tinha corrido tanto em busca da iluminação que já não sabia mais se era dia ou noite. Escrituras e mais escrituras, palavras e mais palavras, argumentos, doutrinas, discussões, crenças, as melhores e mais novas ideias — sua cabeça estava tão pesada de pensar tanto que parecia que ia explodir. Ele era visto muitas vezes arqueado como um corcunda, devido a todo aquele peso em sua mente.

Nas primeiras horas da manhã, ele caminhava ao longo da praia, contemplando a vasta extensão de mar e céu — buscando, buscando. Depois de algum tempo, ele avistou um garotinho parado em pé, sozinho. O menino segurava uma xícara e olhava fixamente para o mar.

Ao se aproximar, Agostinho viu que o garoto estava muito triste e desamparado. Ele parecia solitário e perdido em pensamentos.

Agostinho sentiu-se tomado de compaixão pelo menino.

— Ó minha criança — disse ele enquanto se aproximava — qual é o problema? Por que está tão triste? Em que está pensando?

O menino olhou para Santo Agostinho, com o olhar repleto de um desespero silencioso.

— Eu vim até aqui com a minha xícara para colocar o oceano inteiro dentro dela — disse ele — Estou aqui há muito tempo e estou me esforçando muito, mas não consigo fazer isso acontecer. Não sei o que fazer. Isso me deixa tão triste.

Agostinho colocou o braço sobre os ombros do menino afetuosamente.

— Por que ficar tão triste sem motivo? — disse ele — O oceano é tão imenso, e sua xícara tão minúscula. Ouça. Tenho uma ideia melhor. Por que não jogar sua xícara na água? Assim, a xícara se torna parte do oceano e seu problema está resolvido.

O garotinho adorou a ideia. Um sorriso iluminou seu rosto. Com os olhos radiantes, ele arremessou a xícara no oceano o mais longe que pôde.

Enquanto a xícara voava pelo ar e desaparecia nas brilhantes águas azuis ondulantes, Santo Agostinho ficou abismado. Seus olhos se arregalaram. Ouvia as palavras que acabara de dizer se repetirem em sua mente. *Jogar sua xícara na água.* E se deu conta de que esta era a resposta para seu dilema.

Seu coração gritou: “Agostinho! Agostinho, você não percebe? Você vem tentando colocar todo o oceano de Consciência na pequena xícara de seu ego e tem chorado porque ele não cabe. Ao invés disso, jogue seu ego no oceano de Amor supremo, Agostinho. Sua xícara é muito pequena para o conhecimento que você busca. Jogue-a no oceano — no oceano de sabedoria que está além da mente — e então você se tornará a própria sabedoria.”

À medida que esse conhecimento se revelava dentro dele, Agostinho era como um prisioneiro posto em liberdade. Sentiu-se tão leve que queria dançar. Teve até mesmo a certeza de que, se desejasse, poderia voar.

O fardo de sua vida, o peso de todos aqueles anos buscando no escuro desapareceram. E, agora, para onde ele se voltasse, havia luz. Ela cintilava.

Agostinho fora apresentado com um vislumbre da Verdade e, naquele exato momento, ele foi transformado. Enquanto continuava caminhando, ondas de novos entendimentos surgiam em seu interior — onda após onda o inspiravam mais e mais. Todo aquele tempo ele vivera com o rosto enfiado nos livros, tentando decifrar as enigmáticas palavras das escrituras. Agora seu rosto estava erguido. Ele estava aberto para o mundo, o mundo de Deus, vendo o conhecimento de Deus em toda parte. Estava inundado de afeição por cada grão de areia. Cada canto da criação lhe entoava as escrituras. Cada canto da criação entoava louvores a Deus.

Enquanto continuava caminhando pela praia, Agostinho percebeu que havia, na realidade, muitos milhares de meninos e meninas de pé, à margem do oceano da Consciência, com xícaras nas mãos. E cada um pensava: “Tenho uma xícara grande. Ela comportará grande parte do oceano.” Ou, “Minha xícara é maior que a dele. Ela comportará uma parte ainda maior do oceano.” “Minha xícara é tão bem desenhada. Ela se encherá mais rápido que a dela.” “Minha xícara é tão bonita. O oceano não será capaz de resistir a ela.” Estavam todos agarrados à xícara de seu ego, apaixonados demais por ele para largar. “Minha xícara vem sendo repassada há três gerações.” “Minha xícara é exclusiva.” “Minha xícara é perfeita.” Todos estavam esperando há tanto tempo. Todos vinham se esforçando tanto. Mas cada uma das xícaras estava vazia.

O coração de Agostinho gritou: “Ó meus queridos, joguem sua xícara no oceano. Deixem-se dissolver no Amor. Joguem sua xícara no oceano!”

